

## Tendências do paradigma de classes sociais aplicado à realidade do município de Rio Formoso, na zona da mata meridional de Pernambuco

Profa. Vera Borges\*  
Prof. Delio Mendes\*\*

### Resumo:

Objetiva investigar categorias conceituais de uma sociedade de classes para verificar a estrutura de classes da cidade de Rio Formoso-mata meridional de Pernambuco. Toma como referência estudos clássicos de Marx, de Lucáks sobre consciência de classe, de Poulantzas, Giddens etc. Analisa dados do IBGE sobre ocupação, do Ministério do Trabalho sobre o emprego formal, do INCRA sobre estrutura fundiária e do PNUD sobre indicadores socioeconômicos do município. Considera que o proletariado da agroindústria açucareira de Rio Formoso não existe enquanto classe, mesmo que existam trabalhadores rurais assalariados na região. Os proprietários dos meios de produção ali permanecem, apesar de não exercerem o poder político. Deixa de haver confronto de conflitos entre proletários e donos dos meios de produção, bem como qualquer espécie de consciência de classe por parte do proletariado, o que tornaria obsoleto o paradigma de classes naquela localidade e mais útil uma compreensão da pobreza instituída.

**Palavras-chave:** Rio Formoso – consciência de classe – emprego formal – estrutura fundiária

### Abstract:

The goal of this paper is to investigate conceptual categories of social classes in order to study the structure of classes in the town of Rio Formoso –

Southern “Zona da Mata” of Pernambuco. Reference is made to Marx and Lucáks’ classic studies on class consciousness as well as to Poulantzas, Giddens and others. The paper also analyses IBGE data on occupation, from the Ministry of Labor on formal employment, INCRA data on the structure of land holdings, and PNUD data on social and economic indicators in the town. It considers that a proletariat of the agricultural and industrial sugar cane industry in Rio Formoso does not exist as a class even if there are hired rural laborers in the area. Owners of the means of production remain in spite of their not being directly involved in politics. No conflict confrontation is observed between proletarians and the owners of the means of production, therefore there is no class consciousness from proletariat, and this fact makes class paradigm obsolete in that area and a thorough study of institutionalized poverty required.

**Key words:** Rio Formoso – class consciousness – labor – structure of land holdings.

### 1. Introdução

**A**s classes sociais, como paradigma central, para a compreensão do mundo em sociedade, continuam a possuir extrema importância nos dias atuais. Isso porque essas classes assumem formas variadas em sociedades capitalisticamente avançadas ou não. Paradigma indispensável no mundo fordista-taylorista torna-se superável, quando seu uso é dificultado pelo surgimento de novas situações sociais. Marx acreditava que a maturação do capitalismo industrial traria um desajuste crescente entre a riqueza da minoria e a pobreza da grande massa da população. Segundo ele, os salários da classe trabalhadora nunca superariam o nível de subsistência, ao mesmo tempo que as riquezas se acumulariam nas mãos dos possuidores de capital. Haveria uma acumulação de miséria, “agonia do trabalho”, escravidão, ignorância, brutalidade e degradação moral.

A respeito dessa capacidade de previsibilidade, Marx, para os sociólogos, teria acertado ao antever

\* *Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP*

\*\* *Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP*



a persistência da pobreza nos países industrializados e a continuidade das desigualdades de riqueza e renda em larga escala. Todavia, não teria previsto que as transformações na sociedade informacional aumentariam o uso do trabalho morto em detrimento do trabalho vivo, forçando a busca de paradigmas de compreensão do mundo social que estivessem para além das classes sociais, uma vez que a prevalência do trabalho morto não se coorporifica na produção de classes. Suposto desacerto abre a discussão deste trabalho, colocado-o como hipótese para investigação de situações particulares do capitalismo nos países do Terceiro Mundo, cuja classe alta é multifacetada, com riqueza proveniente de investimentos na terra, de ações e participações e, quando não, de investimentos em casas ou propriedades urbanas diversas. Há ainda o fato de que o setor de ponta dessas economias também utiliza avançados processos tecnológicos que poupam, a um só tempo, capital e trabalho, acarretando incapacidade na geração de empregos na indústria e o fechamento de postos de serviços, que dificilmente são criados outra vez.<sup>2</sup>

Sem embargo, esse parece ser o caso da região Nordeste do Brasil, onde, à margem do processo de desenvolvimento tecnológico, o espaço socioeconômico regional viu retrogradar algumas de suas atividades. Ousaríamos afirmar que têm desaparecido, de forma gradativa, conflitos que caracterizam as relações do capital e do trabalho, a exemplo do arrefecimento das reivindicações e lutas trabalhistas, que têm forte influência na consolidação das classes sociais.<sup>3</sup>

Tipo de questão como essa apenas pode ser percebido, estudando-se realidades particulares, mesmo que não possamos generalizar a investigação. Não basta afirmar que uma sociedade capitalista é constituída por classes sociais, mas é importante compreender sua formação e nuances estabelecidas nas relações sociais de produção.

Cenário importante de estudo concreto, para nós hoje, é o município de Rio Formoso, localizado na zona da mata meridional de Pernambuco, com

tradição de trabalho assalariado na usina e engenhos. Expressa, particularmente, o “fim” do conflito de classes tradicionalmente identificado entre trabalhadores rurais e usineiros. Estes, com a crise das usinas, deixam de arremeter uma classe de trabalhadores rurais.

A crise que se estabelece no setor sucroalcooleiro no estado de Pernambuco, nos últimos decênios, pode ser demonstrada a partir da perda na participação do produto ou na contribuição para a arrecadação de ICMS. De 7,2% de participação no PIB de Pernambuco, registrado em 1970, a agroindústria açucareira diminui seu peso relativo para um 1,4%, em 1993. A arrecadação de ICMS equivalente a 10% , em 1977, e que chegou a alcançar 17% em 1983, declinou até chegar a 4,3% do total da arrecadação estadual. Mesmo que a perda seja considerada relativa deste setor na economia de Pernambuco, pela razão da expansão de outros setores, o fato é que a agroindústria açucareira tem desempregado bastante e contribuído para descaracterizar classes sociais inseridas no campo.

Hoje, contrastando com a bela paisagem natural de mangues, coqueiros e de canaviais, o que se vê em Rio Formoso, por exemplo, é quantidade considerável de ex-trabalhadores andando pelas ruas ou sentados nas calçadas da praça principal em plena luz do dia. Alguns com suas carteiras de trabalho embrulhadas em muitas dobraduras de saco plástico. São homens que, atualmente desocupados, já possuíram uma vida pretérita de trabalho formal nas usinas da região, o que se demonstra, tanto na expressão precocemente envelhecida pelo sol intenso levado na face, quanto pela musculatura rígida dos braços, que é visível mesmo após algum tempo sem trabalho. Para tal realidade, torna necessária a utilização de paradigma para além das classes sociais, como forma de dar conta do mundo real.<sup>4</sup>

## 2. O município de Rio Formoso

Rio Formoso fica localizado a 90,1 km da cidade do Recife, capital de Pernambuco. Compõe-se de dois distritos conhecidos como Cocaú e Rio

Formoso, sendo este último a sede da área urbana. Tornou-se município em 1933, quando foi desmembrado da cidade de Serinhaém. Possui um território de 341 km<sup>2</sup>, população residente de 19.656 pessoas e taxa de urbanização de 41%, que o caracteriza como predominantemente rural.

Historicamente Rio Formoso foi reduto de holandeses no século XVII e serviu sua região para escoamento da produção de açúcar. São tão famosos seus engenho que o Goicana merece destaque no estudo de Evaldo Cabral de Mello intitulado “O Fim das Casas Grandes”<sup>5</sup>. Esse engenho foi herdado em 1857 pelo Barão de Goicana, ou o Sr. Sebastião Antônio de Acióli Lins. Parcimonioso nos gastos, construiu patrimônio substancial, tornando-se dono de vários outros engenhos e imóveis na região. Nasceu o Barão de Goicana na cidade de Serinhaém em 1829. Seu diário revela que o engenho fabricava anualmente 1.700 a 2.500 pães de açúcar, situando-o entre as unidades de tipo médio que manufaturavam cerca de 150 toneladas de açúcar por safra.

Esses idos de riqueza econômica da aristocracia rural de Rio Formoso não existem mais. Atualmente, a cidade lembra a Manchester do século XIX, descrita por Engels<sup>6</sup> ao narrar a situação da classe operária na Inglaterra, com sua sujeira e habitações precárias nos bairros de trabalhadores da indústria. A diferença é que Rio Formoso não esconde seus bairros operários degradantes, longe dos centros burgueses constituídos de belas lojas, pois nem moradias para trabalhadores possui. Há bairros em condições sanitárias deficientes, porém abriga migrantes, desempregados ou pessoas ocupadas informalmente etc. Rio Formoso, contrastando ainda com Manchester, não possui mercado local, não tem comércio estruturado nem burguesia de vitrines, por ser uma cidade onde o desenvolvimento econômico parou no tempo. A pobreza humana, o desemprego, a precariedade das habitações se fazem visíveis, para quem queira isso enxergar e

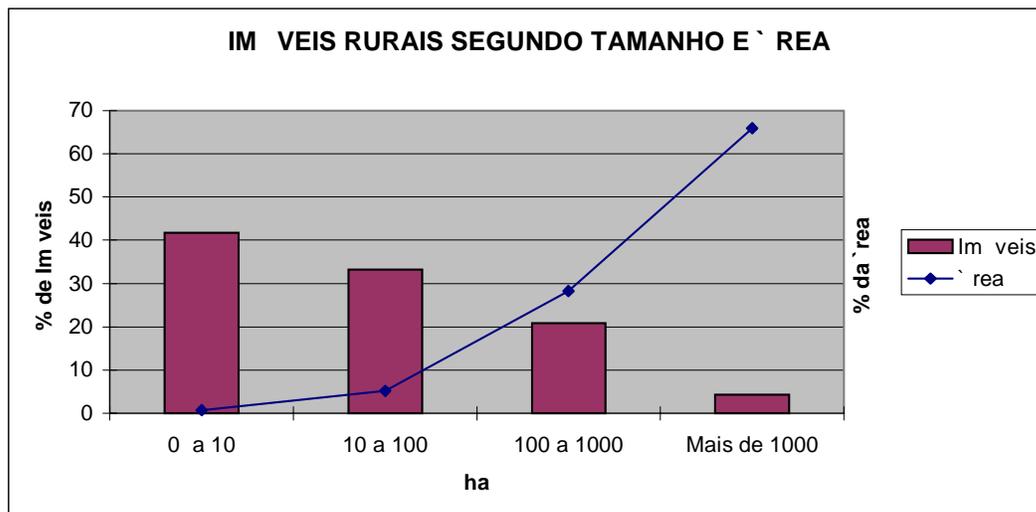
compreender, em vários cantos da cidade e nos engenhos.

Urge destacar que Rio Formoso não é uma das cidades mais pobres da mata meridional, pois São Benedito do Sul já assumiu esse destino com seu baixo índice de desenvolvimento humano (0,296) em termos de renda, esperança de vida e educação, uma vez registrado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD. Estudiosos da sociologia e economia continuam a dever análises para decodificar os muitos arranjos da pobreza, condição humana rarissimamente investigada.

A expressão maior dessa realidade perversa em Rio Formoso é o agrupamento urbano da “Rua da Lama”, que na verdade é um conjunto de quatro ruas com 700 casas, aproximadamente, construídas de alvenaria, madeira, taipa etc. Esse é o “locus” privilegiado para reprodução da população recém-urbanizada, que se encontra desempregada, mas arrodada por um mangue de grande extensão, poluído em sua quase totalidade, onde a morte frequente dos caranguejos revela que esse meio nada mais tem a oferecer. Apesar disso, os habitantes não desejam sair de lá, uma vez que atividades informais, como a pesca predatória, garantem-lhes um pouco de produção que, via de regra, juntam ao que recebem como resultado da piedade alheia ou do assistencialismo político.

A dificuldade de terras disponíveis na área urbana aglomerando indivíduos na Rua da Lama contrasta com as terras fartas da monocultura da cana e de propriedade privada. A concentração de terras em Rio Formoso pode ser melhor compreendida pelos dados do Instituto de Colonização e Reforma Agrária- INCRA- referentes ao ano de 1998. Esses dados mostram que a terra de grandes extensões pertence a poucos proprietários e ocupa quase 70% do município.



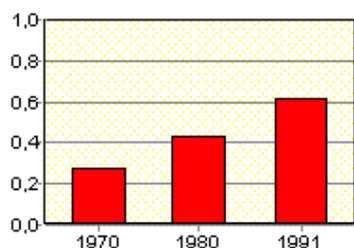


Fonte: INCRA 1998

Observamos que cerca de 42% dos imóveis rurais têm área inferior a 10 ha e detêm menos de 1% da área total. Por outro lado, apenas 5% dos imóveis rurais têm mais de 1.000 ha, detendo cerca de 70% da área total.

Indicadores socioeconômicos mostram em que situação aproximada se encontra Rio Formoso. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, PNUD, tomando como referência a condição dos municípios brasileiros<sup>7</sup>, criou o Índice de Condições de Vida que inclui vinte indicadores básicos que foram agregados em cinco grupos, de modo a retratar a situação cinco diferentes condições de vida, a saber: renda, educação, infância, habitação e longevidade. Sobre Rio Formoso, nós selecionamos aspectos da habitação, infância e renda.

Evolução 1970-1991

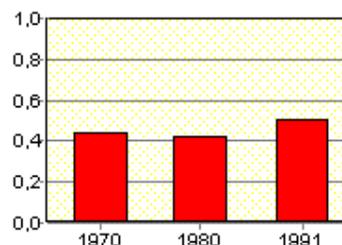


FONTE: PNUD

### ICV – Índice de Condições de Vida: habitação

A evolução nas décadas de 70, 80 e 1991 mostra que as condições de habitação melhoraram, pois houve um crescimento de 55,9% entre 1970 e 1980 (0,272 em 1970 e 0,424 em 1980) e houve um crescimento de 45,3% entre 1980 e 1991 (0,424 em 1980 para 0,616 em 1991).

Evolução 1970-1991

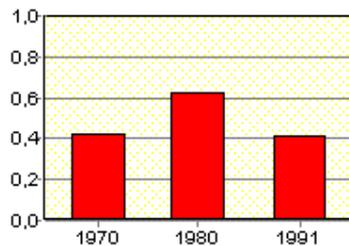


FONTE: PNUD

### ICV – Índice de Condições de Vida: infância

No período de 1970-1991, o ICV - Infância cresceu 14,3%. Houve uma queda de 3,5% entre 1970 e 1980 (0,434 em 1970 e 0,419 em 1980) e houve um crescimento de 18,4% entre 1980 e 1991 (0,419 em 1980 e 0,496 em 1991). A situação do município continua ruim ao longo desses anos.

Evolução 1970-1991



FONTE: PNUD

### ICV – Índice de Condições de Vida: renda

No período de 1970-1991, o ICV- Renda do município de Rio Formoso caiu 2,6%, passando de 0,422 em 1970 para 0,411 em 1991. Houve um crescimento de 47,6% entre 1970 e 1980 (0,422 em 1970 e 0,623 em 1980). Mas houve um declínio da situação de renda dos habitantes desse município de 34,0% entre 1980 e 1991 (0,623 em 1980 e 0,411 em 1991).

### 3. Características da sociedade de classes: aplicação dessa estrutura em Rio Formoso

Quando se afirma que Rio Formoso transforma o paradigma de classes num paradigma perdido, não é que esse município tenha abolido seu sistema de classes, mas o tenha desintegrado na sua estrutura clássica de trabalhadores rurais assalariados e proprietários de terra, bem como destruído seus mecanismos de mercado local.

Para Marx, a sociedade sem classes era a comunista, e Giddens<sup>8</sup> afirma que há paralelos entre uma sociedade de classes e sem elas no que se refere ao seu sistema de relações paratécnicas. Em ambas as sociedades, há um comprometimento predominante com objetivos similares de crescimento econômico e produtividade máximos. A condição básica para a formação de uma sociedade sem classes é o estabelecimento de uma forma de Estado que transcenda a divisão entre as características “política” e “econômica” da sociedade de classes. Isso envolve a abolição definitiva da propriedade privada

dos meios de produção. Porém o elemento crucial que sublinha isso é a substituição da “mão invisível” dos mecanismos de mercado pelo controle diretivo da produção e distribuição.

Essa não é a condição de Rio Formoso. De fato, tal município não se caracteriza por uma sociedade sem classes. Possui um sistema de classes sim, mas numa variação muito peculiar: marcado pela destruição da classe trabalhadora rural, quase que levada à extinção, e com a permanência dos proprietários dos meios de produção. Poder-se-ia argumentar que esses trabalhadores constituem um exército industrial de reserva<sup>9</sup>, que, nas raízes do pauperismo, serve como massa trabalhadora que será utilizada na indústria em alguns momentos. Não é o caso também. Os desocupados de Rio Formoso, uma vez já pertencentes à usina, dificilmente serão recrutados por aquele tipo de indústria, em função da crise do setor sucroalcooleiro.

Do ponto de vista da estrutura de classes, a impressão à primeira vista que se tem do município de Rio Formoso é que os proletários não formam mais uma organização suprafuncional com interesses em confronto na sociedade mais ampla. Os trabalhadores parecem ter-se resumido a uma estratificação de trabalhadores da agropecuária, desqualificados, desempregados e miseráveis, que se tornaram a grande maioria. Existem seres e grupos sociais que mais se diferenciam por “modus vivendi”, dado pelas ocupações do que por posição de classe. Contudo, a realidade de um município desses, do Nordeste brasileiro, inserido no contexto de pobreza da América Latina, é mais dinâmica do que os nossos olhares referendados em paradigmas retirados da literatura sociológica para construção de explicação científica, e com os quais, erroneamente, buscamos enquadrá-la totalmente nessas referências.

Análise das ocupações de Rio Formoso, extraída do Censo de 1991, mostra que mais da metade da população está envolvida com atividades da agropecuária, independentemente de possuírem carteira assinada ou não. Rio Formoso é um município de base econômica agrícola.



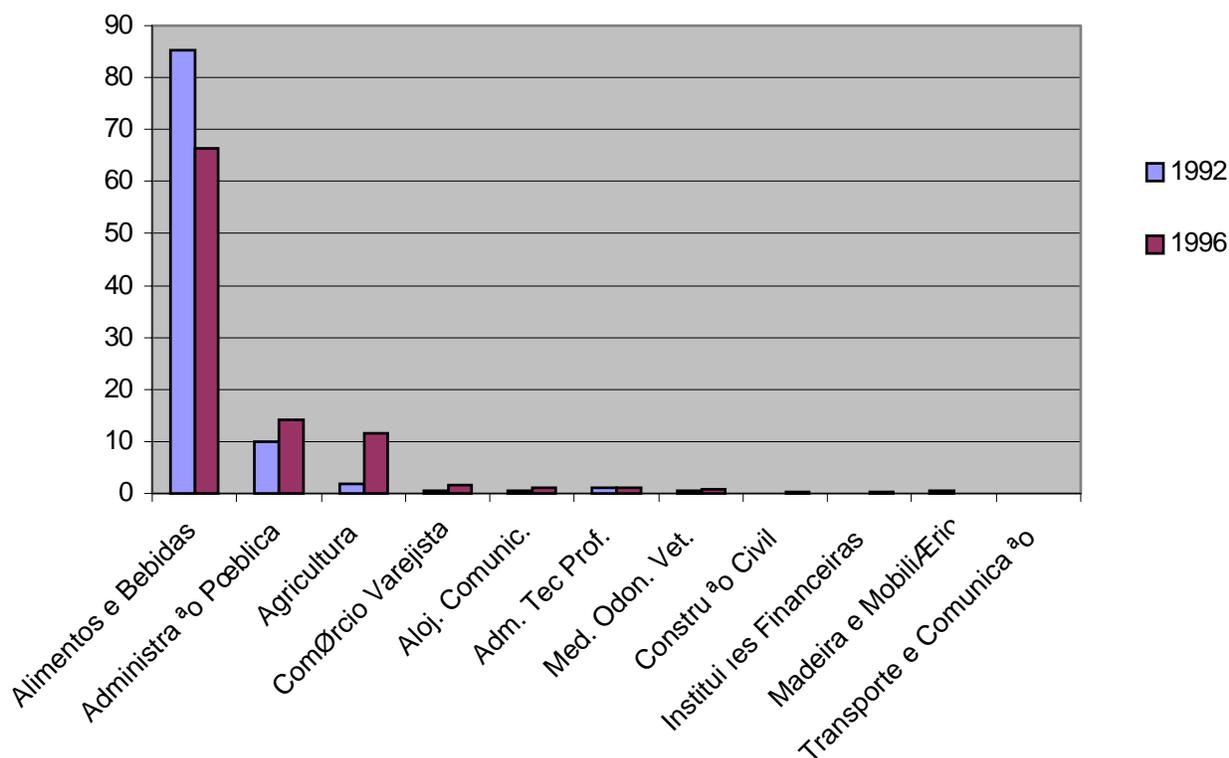
**Tabela 1**  
**Rio Formoso**  
**Pessoas ocupadas, de 10 e mais anos,**  
**por setor de Atividade**

Sector de Atividade	Total	Porcentagem
Agropecuária	5029	54,6
Indústria de transformação	1137	12,4
Indústria de construção civil	383	4,2
Outras atividades industriais	82	0,9
Comércio de mercadorias	332	3,6
Transporte e comunicação	141	1,5
Serviços auxiliares da atividade econômica	24	0,3
Prestação de serviços	926	10,1
Social (saúde, ensino público/ privado etc.)	491	5,3
Administração pública	556	6,0
Outras atividades	103	1,1
Total de pessoas ocupadas	9204	100,0

FONTE: IBGE, Censo Demográfico 1991 M<sup>o</sup> de obra em PE.

A idéia mais precisa da divisão social do trabalho em Rio Formoso é-nos dada pelo Ministério do Trabalho, por meio das estatísticas da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), que investiga percentual de empregados contratados pelo regime de CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas. A composição do emprego organizado em 1996, em Rio Formoso, segundo análise de Menezes<sup>10</sup>, aponta concentração de emprego nas atividades industriais, especificamente de alimentos e bebidas – abate de animais em matadouros, refinação de açúcar, fabricação de produtos de padarias e de produtos alimentícios em geral, destilação do álcool etílico, entre outros –, com participação de 66,4% no estoque total de 1996. Observe-se gráfico 1 e a tabela 2, que são referentes à composição de emprego no município em 1996.

**Gráfico 1**  
**Composição do emprego segundo atividade econômica**  
**de Rio Formoso (%)**



FONTE: IBGE, Censo Demográfico 1991 M<sup>o</sup> de obra em PE.

**Tabela 2**  
**Rio Formoso**  
**Composição do emprego segundo atividade econômica - 1992, 1996**

ATIVIDADE	1992		1996	
	EMPREGADOS	%	EMPREGADOS	%
Alimentos e bebidas	6916	85,3	4073	66,4
Administração pública	801	9,9	865	14,1
Agricultura	155	1,9	711	11,6
Comércio varejista	43	0,5	96	1,56
Aloj. e munic.	40	0,5	66	1,07
Adm. e prof.	79	1,0	59	0,96
Med. odon. vet.	31	0,4	51	0,83
Construção civil	5	0,0	18	0,29
Instituições financeiras	2	0,0	14	0,23
Madeira e mobiliário	31	0,4	7	0,11
Transporte e comunicação	2	0,0	4	0,06
OUTRA	3	0,0	171	2,79
<b>TOTAL</b>	<b>8108</b>	<b>100,0</b>	<b>6135</b>	<b>100</b>

Fonte: Ministério do Trabalho - RAIS

Percebe-se que 85% dos empregados formais estão no setor de alimentos e bebidas e quase 10% estão na administração pública.

Os tipos de emprego reafirmam a herança cultural escravocrata, ainda muito viva na região do açúcar (da Casa Grande e da Senzala), mostrando pouca diversificação de mercado, tendo por prova o comércio e prestação de alguns serviços que não se mostram dinâmicos em termos da geração de empregos. Além disso, em termos de ocupação, existe culturalmente uma interdição posta ao processo de mobilidade social ascendente. Mobilidade que, breçada por força da estrutura econômica pouco dinâmica, reforça preconceitos históricos contra as classes trabalhadoras, que, até o final do século XIX, era constituída majoritariamente por escravos e hoje por seus descendentes de cor parda, mestiços e negros propriamente ditos. Como ascender socialmente se a qualificação pelo processo educacional não se expandiu? A indústria de alimentos tem bai-

xo valor agregado e não necessita de especializações de seus trabalhadores.

Menezes<sup>11</sup> apresenta dados que mostram o nível de escolaridade alcançado pelos empregados de Rio Formoso. Surpreendentemente, grande parte é analfabeta e, no máximo, possui primário incompleto ou apenas alguns anos do que hoje se chama ensino fundamental. Para ele, isso significa um reflexo do atraso econômico e social do município, pois a população ativa tem níveis de instrução dos mais baixos. Tal aspecto não tem, no seu entender, condições de estabilizar o nível empregatício, nem permite uma qualificação da mão-de-obra como perspectiva de valorização profissional, constituindo, portanto, uma forma de privação em educação e conhecimento. (Cf. Menezes, p. 10)

O gráfico e a tabela abaixo elaborados por Menezes revelam os níveis de instrução em Rio Formoso, nos anos de 1992, 1994 e 1996.



Gráfico 2  
Escolaridade dos empregados dos estabelecimentos

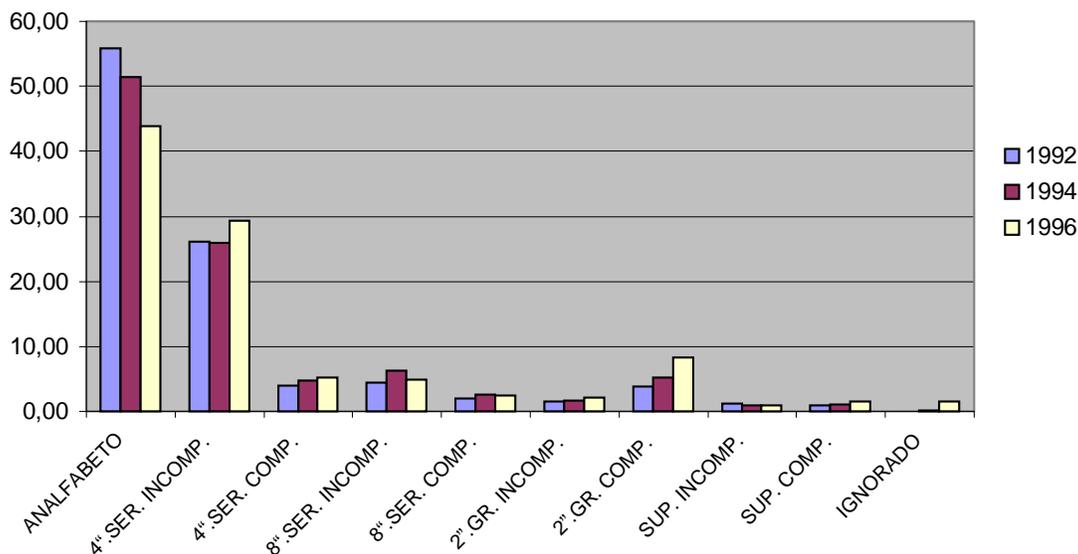
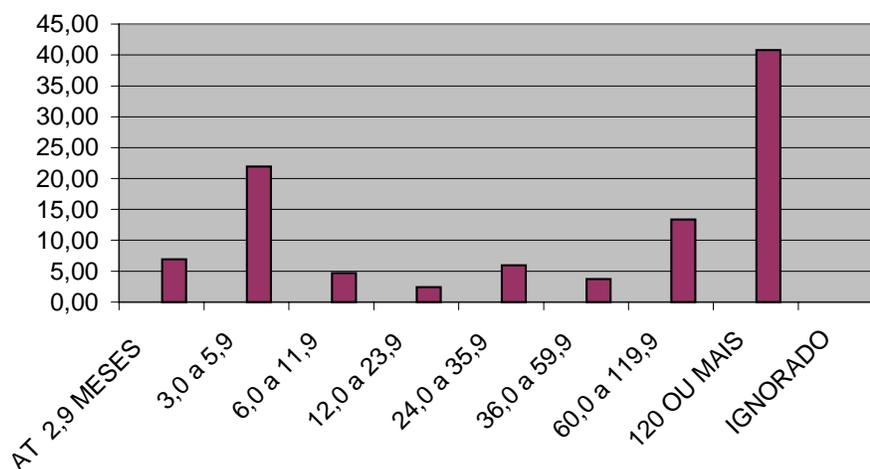


Gráfico 3  
Distribuição dos empregados segundo faixas de tempo de emprego



As grandes transformações urbanas ocorridas no Nordeste, estão intimamente ligadas ao processo de degradação das atividades agrícolas, principalmente na zona da mata de Pernambuco, onde a indústria do açúcar tem amargado, ao longo das duas últimas décadas, um período de empobrecimento agudo. Melhor dizendo, a mais tradicional atividade econômica do Estado vem declinando de importância, tornando-se um seg-

mento produtor de desempregados e de sem-terras, deixando de contribuir, como no passado, para a manutenção do emprego e da produção. A visão dessa realidade permite inferir seus efeitos nos centros urbanos, onde as cidades como Rio Formoso apresentam crescimento urbano e acumulam, nesse espaço privilegiado, um sem número de problemas característicos apenas de centros urbanos de maior porte.

A falta de empregos no campo e a impossibilidade de a cidade ofertar, em tempo hábil, a oportunidades de trabalho demandada pela população originária da agricultura instituem a desqualificação como aspecto essencial das massas desocupadas formalmente no rural. Ir para a cidade apresenta-se, ao homem do campo, como única alternativa para a sobrevivência.

A existência e a expansão físico-social da Rua da Lama, espaço deteriorado pela posição ribeirinha e pela inexistência de serviços sociais básicos, apontam para uma realidade, não só de Rio Formoso, mas também de tantas outras cidades da zona da mata, onde a atividade de produção da cana de açúcar e seus derivados se encontra em decomposição. O mesmo processo ocorre no momento em que, também, os diversos níveis institucionais de poder no Brasil estão sem recursos e, portanto, sem condições de intervir positivamente na gestão pública da melhoria de renda e qualidade de vida dessas populações municipais.

#### 4. O conflito

O fenômeno de deterioração econômica, visto somente pelo viés econômico, deve ser também enxergado pela via sociológica, onde a morte anunciada das classes sociais anuncia o fim do conflito e, mais diretamente, o fim de um elemento que é, por natureza, parte da dinâmica do modo de produção capitalista. O ser classe em sentido antagônico permite, sobretudo, estabelecer, desde o conflito, condições para o desenvolvimento do conjunto das forças produtivas. “*O ser classe era o limite externo englobante e insuportável da atividade de cada um e de todos*”.<sup>12</sup> Dito de forma mais contundente, o conflito é o elemento gerador do processo de desenvolvimento. Ou seja, à medida que os trabalhadores lutam contra a expropriação e os capitalistas se voltam para consumir a mesma, o desenvolvimento tecnológico e as novas formas de exploração colocam a economia e a sociedade em direção ao futuro. A morte do conflito representa também a morte do desenvolvimento nos limites do modo de produção capitalista. Desse ponto de vista, o trabalho não é mais a atividade própria do trabalhador que, dissociado dos meios

de produção e da relação de exploração, morre enquanto classe e, ao mesmo tempo, perde a sua essência de membro de uma classe social.

Evidente que, no marco dessa transformação, colocam-se questões que ajudam a explicar o fenômeno da urbanização avessada por que passam cidades do porte de Rio Formoso. Em não sendo classes em conflito, grandes proprietários e trabalhadores do campo reposicionam-se na estrutura social, tornando-se os primeiros proprietários de uma terra que já não expressa, como antes, o poder. Os segundos, sem várias coisas, *sem terra, sem teto, sem empregos e, principalmente, enquanto não classe, sem consciência da sua condição de seres sem inclusão, excluídos da sociedade institucionalizada*<sup>13</sup>. Nessa condição de *sem*, homens e mulheres vêm para a cidade com a finalidade de reproduzirem os meios de reprodução necessários à reprodução das suas forças de trabalho. Abriga o urbano essas contradições no seu espaço, que se expressam em sua paisagem física e, sobretudo, em sua paisagem social: deterioração das formas físicas e a produção de uma vida cotidiana com todos os carecimentos. As rotinas sociais dos pobres em carecimento enfrentam constantes faltas: de boa alimentação, de razoável habitação, de saúde, de lazer e de educação que sirva de elemento de mobilidade social.

*Não é fácil não ser classe, à medida que este fato social implica, para as classes sociais subalternas, não serem reconhecidas no universo social. Se não é fácil não ser classe social, é mais difícil ainda, não ser classe social subalterna.*

#### 5. O poder local

Do ponto de vista da política, de sua substância e de sua base histórico-social, nova realidade se expressa. O poder local do município hoje está nas mãos de indivíduos advindos de sindicatos rurais da região, o que não significa ganhos representativos da classe trabalhadora. A chegada até a gestão municipal ocorreu muito mais por força da falta de substância decisória desse nível de poder do que por um aumento da consciência camponesa.<sup>14</sup> É interessante expressar que, na concepção marxiana,



a consciência de classe está, como analisa Lukács, diretamente relacionada ao trabalho e à vida cotidiana. Assim sendo, à medida que se aparta do trabalho que deixa de fazer parte da vida do dia-a-dia, o homem perde o seu principal elemento na formação da consciência de classe. Melhor dizendo, à medida que se situa enquanto *não-classe*, o trabalho perde a capacidade de produzir sua consciência e, portanto, de *ser para si*.

A realidade na zona da mata e, mais particularmente, em Rio Formoso, aponta na direção da perda de consciência da classe dos trabalhadores rurais, apartados que vêm ficando do trabalho produtivo, por conta da crise da indústria açucareira. Todavia, a verdade que expressa esse fato expressa ainda um outro que deixa claro que o poder local das municipalidades já não detém a força do passado e, assim, já não interessa às oligarquias do açúcar, agora preocupadas em mudar de ocupação e garantir outros espaços políticos, que, detendo poder de fato, possam melhor ajudar suas reproduções. O poder local e o poder micro, poderes que já não podem tanto, principalmente do ponto de vista do seu uso tradicional, vão sendo ocupados pelos sindicatos rurais. Estes também, morto o conflito, sem a força e o brilho do passado.

Dito de outra forma, os novos poderes locais estão nas mãos dos sindicatos rurais, exatamente porque já não dispõem de poder como antes. Se as prefeituras nada podem, podem ficar nas mãos dos sem nada. A inexistência de um sistema de produção capitalista em pleno funcionamento esvazia o poder a nível local. Sem a produção capitalista não há exploração nem dominação. Sem dominação não há dominador e vice-versa. A morte da divisão do trabalho leva à morte, principalmente, do trabalho. *“Produzir e dominar; dominar aquele quem se obriga a produzir e que se escraviza a objetivos que lhe são desconhecidos, a instrumentos de trabalho dos quais se lhe impõem minuciosamente o modo de usar: a vontade de domínio está profundamente inscrita na natureza das máquinas, na organização da produção, na divisão do trabalho que ela ma-*

*terializa: o capital, seus representantes e funcionários de um lado; os executantes do processo de produção do outro.”*<sup>15</sup> Dessa morte anunciada do conflito, resulta a morte da atividade econômica em si, o que esvazia e destrói o mundo social.

Sem embargo, as relações cidade - campo assumem uma feição diferente. O excedente lançado na cidade pelo campo que deveria ser, principalmente, de excedentes rurais de produção para abastecer as necessidades da área urbana, modifica-se. Transforma-se em movimento de excedente populacional vindo do campo na direção da cidade. Ou seja, a troca de insumos e produtos que fazem a natureza própria das relações campo e cidade é substituída por um fluxo permanente de população camponesa, dirigindo-se para o centro urbano, aumentando os seus problemas, tanto no que diz respeito ao fornecimento de serviços sociais básicos como na produção dos empregos necessários a essa população. A população egressa do campo encontra uma cidade despreparada para atender satisfatoriamente suas demandas. Em recente estudo demográfico sobre Rio Formoso, César Cerqueira<sup>16</sup> mostra historicamente, dos anos quarenta até 1996, como a população da área rural vem diminuindo, ao passo que a população urbana residente tem aumentado, o que confirma a migração dos residentes em engenhos para a sede do município.

No município de Rio Formoso, a situação expressa a dimensão da análise feita acima. O fim gradual das atividades no campo força um fluxo de população para cidade, que vai localizar-se em suas áreas deterioradas (a rua da Lama é um exemplo típico) e se dedicar a uma pesca de caráter precário e às atividades informais extemporâneas para tentar atender às suas necessidades de reprodução. O espaço físico-social da cidade espelha essa situação, e os organismos do poder local pouco ou nada podem fazer para melhorar as condições de vida da população. Desse ponto de vista, tais transformações passam pelo refazer das formas de acumulação e colocam o aparato teórico das classes sociais como paradigma obsoleto.

## 6. O passado como referência para a morte dos paradigmas

As lutas camponesas no Nordeste do Brasil colocam-se modernamente nos finais dos anos cinquenta, quando problemas relativos ao enterro dos camponeses mortos levam à criação das Ligas Camponesas. Evoluindo em pouco tempo, esse movimento ampliou suas lutas na direção da conquista da terra, principal elemento na reprodução da força de trabalho agrícola. Já nos anos sessenta, essa luta assume também um viés sindical, à medida que, contando com o apoio do governador do Estado de Pernambuco, Dr. Miguel Arraes de Alencar, foi possível ampliar os ganhos dos sindicatos, braço de um movimento amplo para melhoria das condições de vida no campo. O Acordo do Campo, que permitiu levar a Legislação do Trabalho ao campo, realizado em 1963, abriu espaços para a consolidação da estrutura sindical no campo em Pernambuco. Com o golpe de 1964, os movimentos sociais da cidade e do campo são perseguidos, as Ligas são destruídas e os sindicatos retrocedem em suas atividades, reduzidas à prestação de serviços médicos e odontológicos. Contraditoriamente, essa forma infeliz de situar a ação do sindicato é responsável, na releitura atual, pela preservação da memória de luta institucional dos sindicatos.

A nova fase da história do sindicato, iniciada na década de setenta, passa pela reorganização dos trabalhadores do campo e o reinício das lutas que culminam com a melhoria da organização política dos trabalhadores e o fortalecimento da FETAPE, Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco, que emerge enquanto sujeito político importante no cenário do Estado. Se isso é verdade, e o é, é também importante salientar que, já nesse momento, a agricultura canavieira encontra-se em franca decadência. Os custos de produção extremamente altos são cobertos por força do mecanismo da demanda internacional que, ao pressionar a oferta, permite a sobrevivência da atividade em Pernambuco. Esse fato ocorre por conta de mecanismos que garantem uma Renda da terra, inclusive para as terras de maior custo de produção. Esse mecanismo da Renda da terra, melhor dizendo, da

Renda Diferencial da Terra, tem garantido o que ainda resta de atividade canavieira no Estado. “*Consideramos até aqui a Renda Diferencial como sendo resultado da produtividade diferente de iguais investimentos de capital em terrenos de igual superfície, ainda que todo novo investimento de fundos correspondesse a uma cultura mais extensiva do solo, a um aumento da superfície cultivada*”.<sup>17</sup> À medida que o preço de mercado é alto por conta da necessidade de consumo, permite a sobrevivência da atividade nas terras de custo de produção mais alto.

A sobrevivência da indústria açucareira tem permitido sobreviver aos trabalhadores rurais, os quais, todavia, assistem ao desaparecimento dos seus postos de trabalho, sem que tenham oportunidade de reciclarem-se para o desempenho de novas atividades. É interessante que o que resta como proposta dos sindicatos rurais é a divisão da terra entre os agricultores, para o plantio de roças de subsistência da população rural. Essa proposta representa uma volta ao passado, com o renascimento do camponato e um refazer de atividades pré-capitalistas, que implica produzir uma ingenuidade no limiar do terceiro milênio. A volta à vida camponesa.

## 7. O paradigma perdido

Uma formação social constitui-se em unidade dotada de complexidade com a dominância de um modo de produção sobre todos os demais. Dito de uma outra forma, *uma formação capitalista se constitui na medida que o modo de produção específico (capitalista) é hegemônico em relação a todos os outros*.<sup>18</sup> No caso de Rio Formoso, como no geral da zona da mata, o modo de produção capitalista vem desagregando-se sem que se constitua um substituto a par com a modernidade do mundo atual.

Pode-se especular na direção de que, momentaneamente inviabilizado do ponto de vista da acumulação capitalista, a zona da mata transforma-se em reserva para um futuro desenvolvimento do modo capitalista de produção. Continuando sob a égide do modo de produção capitalista, a região canavieira estaria guardada para atividades futuras. Desempenhando uma função de preservação do



espaço físico e social da região, as atividades não capitalistas teriam como finalidade específica a reprodução simples da população que permanece na área. Situação concreta da atualidade é aquela que transforma trabalhadores rurais em *não-classes* e torna dispensável o paradigma das classes sociais para analisar a situação da população local, despojada que vem sendo das suas relações com o capital, além de lançada na vala da pobreza onde os paradigmas são referentes à exclusão e à desigualdade.

O que se encontra em Rio Formoso, principalmente em sua área urbana, são pobres excluídos de todas as formas de inserção real no modo de produção capitalista, mas, mesmo assim, se encontram sob o seu domínio enquanto população flutuante, semelhante, em parte, ao Exército Industrial de Reserva- EIR. Essas não-classes<sup>19</sup> tornam dispensável o paradigma de classes sociais, não por seu conteúdo, mas, principalmente, porque estão para além da compreensão dessa perspectiva teórica da própria noção de EIR. Até quando essas populações se perpetuarão na pobreza sem a indústria canavieira absorvê-las, já que o fechamento das usinas tende a prosseguir? Para ser Exército Industrial de Reserva, não é necessário ter a garantia de se constituir massa trabalhadora desempregada, mas viver dentro da possibilidade de amanhã, quem sabe?, poder ser assalariada, ainda que a baixos preços?

Desloca-se a análise do campo do paradigma das classes sociais para se situar no interior dos conceitos sobre pobreza e exclusão, à medida que estes *conceitos dão conta do novo, do velho novo, que é a generalização das condições de pauperização sem perspectiva de mudança.*

Desse modo, a inexistência de uma separação radical entre o trabalho e os meios de produção impossibilita a manifestação dos fenômenos decorrentes da estratificação e impedem, desse modo, que se manifestem as classes sociais na arena própria, que são as relações entre capital e trabalho. Ou seja, na luta por salário e lucro, produção e expropriação de mais valia e, na via política, pela realiza-

ção do projeto de transformação histórica da formação social capitalista.<sup>20</sup> Uma história que finda na vontade dos neoliberais das fantasias Thacherianas.

Em Rio Formoso, o estudo da estrutura ocupacional permite visualizar que as transformações econômicas que caracterizam o declínio da atividade sucroalcooleira fecham as fronteiras do mundo do trabalho até no sentido da sua orientação tradicional, onde os filhos, seguindo as pegadas dos pais, dirigiam-se à mesma atividade. Desse modo, cabe assinalar que a mobilidade que se descortina é descendente, quando não representa, nos dados regionais, uma imobilidade.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Ricardo. Notas sobre a consciência de classes. In ANTUNES, Ricardo, RÊGO, Walquiria Domingues Leão, LUKÁCS **um galileu no século XX**. São Paulo : Bomtempo, 1996.
- GIDEENS, Anthony. **Sociología**. Madrid : Alianza Editorial, 1993.
- GORZ, André. **Adeus ao proletariado**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Crítica da divisão do trabalho**. São Paulo : Martins Fontes, 1989.
- IANNI, Octavio. A cidade Global. **Vozes Cultural**, Rio de Janeiro, n.2, mar./abr. 1994.
- KORTEN, David. Community Organization and Rural Deve lopment : A Learning Process Approach. **Public Administration Review**, sep./oct 1980.
- MARX, Karl. **O capital** edição resumida por Julian Borchardt. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MENDES, Delio (1998) **Globalización y exclusión**. Tesis Doutoral en sociología - Universidad de Deusto, Bilbao, España.

POULANTZAS, Nicos. **Poder Político e Classes Sociais**. São Paulo : Martins Fontes, 1977.

SADER, Emir. **Estado e Política em Marx**. São Paulo, Cortez, 1993.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. São Paulo : Brasiliense, 1991.

SEN, Amartya. **Nuevo exame de la desigualdad**. Madrid : Alianza Editorial, 1995.

## NOTAS

<sup>1</sup> A Profa. Vera Borges é Mestre em Sociologia e Doutoranda em História Social pela Universidade Federal de Pernambuco. O professor Delio Mendes é Doutor em Sociologia pela Universidad de Deusto, Bilbao- Espanha. Atualmente esses professores, como sociólogos, fazem parte de um Projeto intitulado Desenvolvimento Sustentável do Município de Rio Formoso, levado a termo pela UNICAP, coordenado pela Profa. Dra. Galba Maria de Campos Takaki e financiado pela AVINA GROUP.

<sup>2</sup> Uma outra variante parece provável, a saber: sociedades com uma classe trabalhadora que desaparece e uma classe de capitalistas rurais e urbanos fortemente debilitada e destinada, também ela, a desaparecer. SCHAFF, Adam (1991) *A sociedade informática*, Brasiliense, São Paulo, p.44.

<sup>3</sup> Alguns autores argüem que a classe se converteu em algo sem importância nas sociedades ocidentais modernas GIDEENS, Anthony (1993) *Sociología* - Alianza Editorial - Madrid - p. 257.

<sup>4</sup> Precisamente foi Marx que argumentou, persuasivamente, em favor de que se fora mais além da análise de classe quando criticou o Partido Alemão dos Trabalhadores, que argumentava a justiça da igualdade de remuneração do trabalho, o que, segundo a concepção partidária, não entraria em conflito com a igualdade de satisfação das necessidades dos tra-

balhadores. SEN, Amartya (1995) *Nuevo exame de la desigualdad*. Alianza editorial. Madrid p.138

<sup>5</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. *O Fim das Casas-Grandes*. In: *História da vida privada no Brasil: Império/ coordenador geral da coleção Fernando <sup>a</sup> Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro*. - São Paulo: Companhia das Letras, 1997. \_ (História da Vida Privada no Brasil; 2). p. 408.

<sup>6</sup> ENGELS, F. Manchester. In: FERNANDES, Florestan (org.). *Marx, Engels: história*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>7</sup> *Desenvolvimento Humano e Condições de Vida: Indicadores Brasileiros*. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento- PNUD/ IPEA/FGP/ IBGE. Brasília, 1998.

<sup>8</sup> GIDDENS, Anthony. *A estrutura de classes das sociedades avançadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. P. 164.

<sup>9</sup> MARX, Karl. *A lei geral de acumulação capitalista*. In: \_\_\_\_\_. *O Capital*. (Trad. de Régis Barbosa e Flávio R. Kotthe). 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. p. 207.

<sup>10</sup> MENEZES, José Fernandes. *Empregos e salários em Rio Formoso*. Texto mimeo. junho/1998. p. 03.

<sup>11</sup> *Ibidem*. p. 09.

<sup>12</sup> GORZ, André (1982) *Adeus ao proletariado*, Forense Universitário, Rio de Janeiro p. 86.

<sup>13</sup> Ver. MENDES, Delio (1998) *Globalización y exclusión*. Tesis Doutoral - Universidad de Deusto, Bilbao, España.

<sup>14</sup> Ricardo Antunes, tratando da consciência de classes e tomando como referência a obra de LUKÁCS, afirma: *Pode-se dizer que é impossível compreender a questão da consciência de classe na Ontologia*



do Ser Social, se não se considerar que trabalho, vida cotidiana e consciência do ser social se inter-relacionam e se articulam de maneira indissolúvel, o que não estava presente, com a devida importância, em história e consciência de classes. ANTUNES, Ricardo (1996) Notas sobre a consciência de classes. In: ANTUNES, Ricardo e RÊGO, Walquiria Domingues Leão, LUKÀCS um galileu no século XX, Boitempo Editorial, São Paulo p. 99.

<sup>15</sup> GORZ, André (1989). Crítica da divisão do trabalho. Martins Fontes, São Paulo, p.11.

<sup>16</sup> CERQUEIRA, César. Evolução da População em Rio Formoso. Texto mimeo. junho/1999. p. 04.

<sup>17</sup> MARX, Karl (1982) O capital edição resumida por Julian Borchardt, Zahar Rio de Janeiro.

<sup>18</sup> POULANTZAS, Nicos (1977). Poder Político e Classes Sociais - Martins Fontes, São Paulo, p. 15.

<sup>19</sup> Um adequado tratamento à questão da não-classe encontra-se trabalhado na obra de; IANNI, Octavio (1994) A cidade global em: Vozes Cultural, n. 2, março-abril, Rio de Janeiro, Vozes.

<sup>20</sup> Para que as relações entre capital / trabalho, possam se revestir de relações de troca entre força de trabalho / salário - para que haja a divisão entre trabalho necessário e trabalho excedente - é necessária a sua existência ao nível de indivíduos que os corporifiquem e sejam seus suportes comuns. SADER, Emir (1993) Estado e Política em Marx - Cortez - São Paulo p. 47.